

2 0

O TEMPLO DE NEPTUNO.
POR
ALCINDO PALMIRENO
ARCADE ULTRAMARINO.



LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO MDCCLXXVII.
Com Licença da Real Meza Censoria.

O FEMLEO DE NERTUNO
FOR
ALCINDO PAMIRINO
ARABO PIRAMIRINO



LISBOA
A REAL ACADEMIA DAS CIENCIAS
E LETRAS



9489
1962

1292.564 AA

18/05/2010



O TEMPLO DE NEPTUNO.

A Deos Termindo, a Deos augustos lares
Da formosa Lisboa; o leve pinho
Já solta a branca véla aos frescos ares.

Amor, o puro Amor do patrio ninho
Ha muito que me acena, e roga ao Fado
Que eu fulque o Campo azul do Deos marinho.

Eis a Náo, que já d'hum, já d'outro lado
Se deita, e se levanta; foge a Terra,
E me foges tambem Termindo amado.

Da alegre Cintra a desejada Serra
Mal apparece, e o valle, que ditoso
De Lilia, e Jonia, a voz, e a lyra enceria.

Ainda me parece que saudoso
Te vejo estar da praia derradeira
Cançando a vista pelo mar undoso.

Já não distingues a Real bandeira
Despregada da poppa, que voando
Deixa no mar inquieto larga esteira.

Sei que te hão de assustar, de quando em quando,
O Vento, os varios climas, e o perigo
De quem tão longos mares vai cortando.

O lenho voador leva consigo,
E te arranca dos braços, n' hum só dia,
O suspirado Irmão, e o caro Amigo.

Rijo Norte nas cordas affobia:
Quatro vezes do Sol os raios puros
Voltarão, e só mar, e Ceo se via.

Quando a esteril Salvage os verde escuros *
Hombros ergueo do fal, que se quebrava
Nas nuas pontas dos rochedos duros.

Eu vi Tritão mancebo, que animava
O retorcido buzio, e diligente
De todo o mar a Corte se ajuntava.

Bate as azas hum Genio, e vem contente
N' hũa mão a Coroa, n' outra a taça:
Deo-me do nectar, e cingio-me a frente.

Termindo, pois de Phebo a mão escaça
Nega seus dons aos rudes, e aos profanos,
Guarda meus versos dessa tosca raça.

Embora os læo peitos sobrehumanos,
Que no cume do Monte bipartido
Das santas Musas virão os arcanos.

Entrei no Templo de crystal polido,
Do grão Neptuno amplissima morada;
E o vi n' hum throno de safira erguido.

Defronte está de Ninfas rodeada
A branca Thetis: as enormes Phocas,
E os amantes Delfins guardão a entrada.

* Salvage, Ilha deserta não muito distante da Madeira.

Os grandes Rios , que por largas bocas
Entrão no vasto mar com fama , e gloria ,
Co' as urnas vem desde as nativas rocas.

Vejo a Paz , a Fortuna , e a Victória ,
O Deos d' Arcadia , o Inventor da Lyra ,
Venus , Amor , e as Filhas da Memoria.

Principe amado , por ti suave gyra
Nas cordas de ouro o delicado plectro ;
Apollo o move ; e Clio assim respira ,
Em alto , nupical , festivo metro.

Do lucido Titan a bella Esposa
De cor de rosa -- o aureo coche adorna ;
E alegre torna -- a nos mostrar seu rosto
Cheio de gloria , de prazer , e gosto.

As brancas azas sobre o novo leito
Aos Ceos accito -- o casto Amor estende ;
A pyra accende ; -- e inda estreitar procura
O mais ditoso laço , a fé mais pura.

Concordia , tu que tens de amor a chave ,
Prizão suave -- tu lhe tens tecida
De quantos Ida -- em margens deleitosas
Cria intactos jasmims , e frescas rosas.

Perfico ornato a fertil Cópia ajunta ;
E de Amatunta -- a Deosa delicada
Vem rodeada -- dos Cupidos bellos :
Huns voão , outros lhe pendem dos cabellos.

Casto Lucina , o teu formoso aspecto
Com doce affecto -- inclina ; e nos dê prova

A prole nova — que he de amor tributo;
E feja de taes ramos digno o fruto.

Se fundarão, por seculos inteiros,
Avós guerreiros — de Lisboa os muros,
Netos futuros, entre gloria immensa,
Nascei; he vossa a justa recompensa.

Cércão o Throno, a candida Verdade,
E em tenra idade, — a rara Fé, Nobreza,
Graça, Belleza, — e quanto o Ceo fecundo
Por honra da Virtude, envia ao Mundo.

O Jubilo nos Póvos se derrama;
Alegre a Fama -- vai de Agouros chea;
E a Nuvem feia, -- que a Tristeza envolve,
Espalha o vento, e em atomos dissolve.

Do grande Avô o Espirito disperso
Pelo universo -- voa; aos seus vindouros
Prepara os louros, — vejo a murta, e as palmas,
Dignas coroas de tão grandes almas.

Posla da Augusta Filha o forte braço
Por longo espaço -- sustentar o escudo,
Que ampara tudo -- o que o seu Reino encerra;
E encher de Astros o Ceo, de Heroes a Terra.

Cantou a Musa; e sobre todos chove
Celeste ambrosia : alado Mensageiro
Leva as noticias ao Supremo Jove.

Ouvio então do Mar o Reino inteiro
A fatidica voz, e o nobre canto
De Protheo, que os futuros vio primeiro.

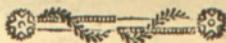
(7)

Cantava como ainda . . . mas o espanto
Dos olhos me roubou tudo o que eu via ;
Que os tímidos mortaes não podem tanto.

Cheia de limo, e de ostras, dividia
A já cançada proa os mares grossos,
Até que amanheceo o novo dia.

Se em fim respiro os puros climas nossos,
No teu seio fecundo, ó Patria amada,
Em paz descancem os meus frios ossos.

Vive, Termindo, e na inconstante estrada
Piza a cervís da indomita Fortuna ;
Tendo a volubil roda encadeada
Aos pés do Throno em solida coluna.



1.292.564 AA 18/05/2010